



PREFEITURA DA CIDADE DO SALVADOR
ORGÃO CENTRAL DE PLANEJAMENTO - OCEPLAN

COORDENAÇÃO TÉCNICA
PLANDURB

*Esse volume possui desenhos que não foram
digitalizados*

PARQUE METROPOLITANO DE ABAETÉ

Planejamento Paisagístico

CADERNOS OCEPLAN

SÉRIE

PROGRAMAS E PROJETOS

2

Salvador, março/1977

Prefeitura da Cidade do Salvador

JORGE HAGE SOBRINHO - Prefeito

Órgão Central de Planejamento - OCEPLAN

SERGIO MAURICIO BRITO GAUDENZI - Diretor

OCEPLAN - Unidade de Documentação

Rua Arquimedes Gonçalves, 219

Jardim Baiano - Fone 3-5330

40.000 - Salvador-BAHIA/BRASIL

Salvador. Prefeitura Municipal. OCEPLAN
Parque metropolitano de Abaeté; plane-
jamento paisagístico. Salvador, 1977.
74 p. ilus. (Cadernos OCEPLAN. Sér.
Programas e Projetos, 2)

1. Planejamento paisagístico-Salvador.
I.t.

CDU 712.259(814.21)

CTL-103

| | | |
|------------|----------|-------|
| PMS | CPM | GERIN |
| BIBLIOTECA | | |
| 1309 | 16,10,92 | |
| N.º Reg. | Data | |



PREFEITURA DA CIDADE DO SALVADOR
ORGÃO CENTRAL DE PLANEJAMENTO - OCEPLAN

Este Projeto integra o
Plano de Desenvolvimento Urbano-PLANDURB
e foi elaborado com a
colaboração da FINEP e do DESENBANCO



SUMÁRIO

EQUIPE TÉCNICA

APRESENTAÇÃO

INTRODUÇÃO

8

CARACTERIZAÇÃO DA VEGETAÇÃO REGIONAL DE ABAETÉ-ITAPUÃ: SÚMULA DOS FENÔMENOS BOTÂNICOS

14

CARACTERIZAÇÃO DO AMBIENTE ECOLÓGICO: ASPECTOS FISIOGRAFICOS E GEOMORFOLÓGICOS

26

CONCEITUAÇÃO SOCIAL DO PARQUE METROPOLITANO: ASPECTOS SÓCIO-CULTURAIS E ECONÔMICO-DEMOGRÁFICOS

32

CONCEITUAÇÃO DO PARTIDO PAISAGÍSTICO DO PARQUE METROPOLITANO DE ABAETÉ

44

PROPOSTA PARA AGENCIAMENTO DA ÁREA DO ENTORNO DA LAGOA DO ABAETÉ

57

NORMAS E DIRETRIZES DE PAISAGISMO PARA FORMAS DE INTERVENÇÃO NA ÁREA DO CINTURÃO DE PROTEÇÃO

68

ÍNDICE DE PLANTAS

74



X EQUIPE TÉCNICA

Coordenação do Projeto

FERNANDO MAGALHÃES CHACEL

Consultores

AZIZ N. AB'SABER

LUIZ EMYGDIO DE MELLO FILHO

SEDI HIRANO

Colaboradores

ARILDA CARDOSO DE SOUZA

HELIODÓRIO SAMPAIO

VERA MARIA ARANHA SEVERO

WALDECK VIEIRA ORNELAS

Revisão Redacional

JOSÉ GORENDER



APRESENTAÇÃO

Uma das características do Plano de Desenvolvimento Urbano, ora em elaboração, é que ele gera políticas, recomendações, programas e projetos, ao longo do seu próprio processo de execução e na medida em que avançam os seus estudos básicos, de modo a não apenas possibilitar o desempenho das atividades executivas por parte do aparelho administrativo, mas também, orientar a iniciativa privada, revelando-lhe as áreas prioritárias para investimentos públicos e ocupação urbana.

Assim, à medida em que avançaram os estudos de Imagem Ambiental Urbana e de Áreas Verdes e Espaços Abertos, a área de Abaeté, nas proximidades de Itapuã, se impôs como prioritária para fins de desenvolvimento de um projeto de preservação e proteção.

Do ponto de vista do estudo de Imagem a área de Abaeté se destaca, no contexto urbano de Salvador, como um importante marco natural, de forte e significativa presença, além de, no entorno da lagoa aí existente se desenvolverem atividades de lazer e de trabalho.

Já sob o enfoque do estudo de Áreas Verdes e Espaços Abertos, Abaeté se destaca como área possuidora de uma vegetação peculiar e de uma acentuada vocação para o uso contemplativo e a pesquisa científica.

Ambos, por outro lado, ressaltam o valor da área pelos seus as



pectos geomorfológicos, constituindo-se em um importante campo de dunas, a ser poupado da esteira dos tratores e da urbanização extensiva.

Deste conjunto de considerações resultou a definição de um parque de escala metropolitana, com predominância do caráter de proteção ecológica, mas também com uma parte turístico-recreativa: aquela do entorno da Lagoa de Abaeté, amplamente conhecida pelo contraste entre suas águas escuras e as areias brancas que a circundam.

A definição do projeto mereceu atenção inclusive da Secretaria Especial do Meio Ambiente-SEMA, cujos técnicos tiveram oportunidade de discutir o partido adotado, e manifestaram-se preocupados, não apenas com a forma de urbanização e parcelamento do solo que já começava a se desenhar para a área, mas inclusive com a reativação das dunas e a proteção do aeroporto internacional, situado nas proximidades.

Ao editar o presente projeto, o OCEPLAN cumpre mais uma tarefa, agora no sentido de demonstrar a importância da inclusão do enfoque ecológico no âmbito do planejamento urbano, mas também para ressaltar a necessidade de que os municípios possam muito brevemente contar com meios de financiamento para a execução de projetos desta natureza, haja vista que tais áreas constituem um patrimônio irrecuperável, que não podemos nos dar ao luxo de perder.



I. INTRODUÇÃO

Com o objetivo de ofertar à população de Abaeté, Itapuã e suas áreas circunvizinhas, também à população metropolitana de Salvador e, indiretamente, às de outros estados brasileiros bem como aos turistas forâneos, um parque-combinado composto por um acervo - ecológico de um lado, e de outro por um centro de lazer e recreação - o OCEPLAN-Órgão Central de Planejamento da Prefeitura de Salvador, contratou serviços especializados de consultoria técnica em paisagismo, em geomorfologia, em botânica e em ciências humanas, para a elaboração do presente documento.

Primariamente, a idéia central e portanto norteadora dos estudos, em suas etapas iniciais, foi a recuperação paisagística, geomorfológica e botânica e a ação dos agentes sociais nesta biosfera natural. Esta idéia básica, qual seja, o tombamento do acervo ecológico atuou como suporte geratriz dos estudos efetuados.

Nas etapas de inventário e diagnose realizaram-se estudos de campo nas quatro áreas de conhecimento:

A) BOTÂNICA

Caracterização das formas de distribuição e das diversidades fitogeográficas.

Amostragem da cobertura vegetal "in loco", com levantamento por observação direta da realidade vegetal existente.

Detalhamento de um setor - contorno da Lagoa do Abaeté e dunas circundantes - para conhecimento mais específico das associações que compõem o mosaico ve-



getal da área. Influência antrópica sobre a cobertura vegetal.

B) GEOMORFOLOGIA

Caracterização do espaço criado pela natureza e da diversidade morfológica do relevo do ambiente ecológico. Identificação dos principais elementos fisiográficos, sua extensão e a interação dos fenômenos, sua gênese e a dinâmica destes objetos naturais detectados.

A inserção dos fenômenos fisiográficos no contexto metropolitano e a ação predatória dos agentes sociais e seus respectivos artefatos de consumo urbano, e a ação destrutiva destes objetos materiais provocando riscos ecológicos irrecuperáveis na paisagem natural.

C) CIÊNCIAS HUMANAS

Caracterização da ação produtiva humana em conúbio direto com a natureza. A gênese dos mitos e das representações simbólicas. A ação produtiva dos homens condicionada pela natureza.

Caracterização do comportamento humano por faixas etárias. Condicionamento do homem e a sua dependência em relação aos artefatos urbanos. Conceituação de parque ecológico e de lazer. Carência e tempo excedente.

Considerações gerais em relação aos equipamentos e especificações de funções.

D) ARQUITETURA DA PAISAGEM

Paisagem natural e sua relação com os principais assentamentos urbanos existentes no entorno, levantamento do estado atual das intervenções humanas - e



equipamentos urbanos existentes e respectivas tramas viárias. Estrutura fundiária e uso do solo.
Caracterização de elementos intervenientes predatórios da paisagem geográfica e da botânica regional.
Preservação e recuperação do acervo ecológico.

A articulação destas quatro áreas de conhecimento resulta na definição do objeto público a ser oferecido à população de Salvador: o Parque Metropolitano de Abaeté.

Nos capítulos subsequentes apresentam-se os resultados destas investigações. No capítulo II - "CARACTERIZAÇÃO DA VEGETAÇÃO REGIONAL DE ABAETÉ-ITAPUÃ - SÚMULA DOS FENÔMENOS BOTÂNICOS", serão resumidos os dados obtidos pela análise aerofotogramétrica e pela pesquisa de campo, ressaltando a decomposição da paisagem fitogeográfica pelos efeitos predatórios da atividade humana.

No capítulo III - "CARACTERIZAÇÃO DO AMBIENTE ECOLÓGICO - ASPECTOS FISIOGRAFICOS E GEOMORFOLÓGICOS" - serão relatados, descritiva e analiticamente, os principais elementos físicos, realçando a necessidade de se preservar o acervo ecológico e definindo as diretrizes de atuação política dos Poderes Públicos, com o objetivo de impedir a destruição da paisagem geoecológica, que forma, na área estudada, uma unidade especial e diferenciada da natureza regional.

Ou seja, indicações que conduzam o Poder Público a estabelecer uma política justa e planejada de preservação e utilização racional dos recursos naturais, conciliando o desenvolvimento com a conservação da natureza, política esta configurada na idéia do Parque Metropolitano de Abaeté.

No capítulo IV - "CONCEITUAÇÃO SOCIAL DO PARQUE METROPOLITANO DE ABAETÉ - ASPECTOS SÓCIO-CULTURAIS E ECONÔMICO-DEMO



GRÁFICOS, destacam-se a relação do homem com a natureza, as formas de produção econômico-social e o ambiente natural, a natureza conformando a atividade social e cultura, a produção e a reprodução humana e aspectos demográficos. Outros aspectos focalizados:

Conceituação do Parque Metropolitano tendo como pressupostos a natureza, a produção social e cultural e o homem como agente social, ator e autor, sujeito e objeto do Parque Metropolitano.

O Parque enquanto um equipamento de lazer e recreação e na condição de acervo ecológico: os elementos de realização desta dupla finalidade.

No capítulo V, define-se a "CONCEITUAÇÃO DO PARTIDO PAISAGÍSTICO DO PARQUE METROPOLITANO DE ABAETÉ", a partir dos estudos realizados pelas diversas áreas de conhecimento.

Quando o homem se apropria da natureza de uma forma indiscriminada, mesmo que a comunidade se beneficie deste processo de transformação dos objetos naturais para preencher as carências e as necessidades sociais imediatas, a médio e a longo prazo ocorre uma defasagem irremediável entre o homem e a natureza.

No planejamento paisagístico do Parque Metropolitano de Abaeté, partiu-se do pressuposto de que a inter-relação dinâmica entre os organismos e seu meio ambiente é essencial e necessária para a normalidade biológica, social, cultural e psicológica dos seres humanos que vivem, trabalham, produzem, reproduzem, moldam, elaboram e reelaboram, no cotidiano das grandes metrópoles, o processo da vida social em uma determinada comunidade. Daí resultou a idéia de preservação ecológica da área de Abaeté, colocando o homem urbano como sua parte integrante e portanto seu beneficiário ou seja, preservar a natureza para que a qualidade de vida dos seres humanos seja também preservada.



Preserva-se a qualidade e o padrão de vida disciplinando a utilização dos recursos naturais - solos, mananciais hídricos, vida vegetal e animal, ar, etc., mensurando as condições de equilíbrio entre os organismos vivos vegetais e animais, os seres humanos e o meio ambiente, em íntima e afetiva interdependência, cada qual formando parte indispensável de um todo único.

O desequilíbrio ecológico ocorre quando se rompe a harmonia entre os vários organismos pela destruição, fenecimento ou morte de um dos seus elementos componentes, pela ação irracional e imediatista dos seres humanos ou pelos efeitos de catástrofes naturais.

O Parque Metropolitano de Abaeté, concebido como um instrumento de preservação ecológica e de recreação e lazer, configura uma totalidade na qual se articulam os elementos naturais vitais e os elementos sociais, a unidade e a diversidade.

A unidade realiza-se a partir da idéia de qualidade e do padrão de vida metropolitanos, portanto como um acervo popular, pois o projeto pretende atender à população em geral.

A diferenciação verifica-se a partir do consumo, que é sempre um momento individual e particularizado.

O projeto do Parque Metropolitano de Abaeté objetiva um interesse comum que integra os propósitos do administrador público às aspirações da população em geral. Ao mesmo tempo, preenche os requisitos do ideal democrático quanto à diversidade de aspirações e de interesses, conforme as faixas e târias e níveis de formação.

No decorrer dos estudos, observou-se que a ocupação deste



campo de dunas por assentamentos residenciais, através de loteamentos extensivos - apenas geometricamente diferenciados - equivaleria à falência total do planejamento ecológico.

Compreende-se a pressão exercida por companhias loteadoras e outros grupos econômicos, empenhados no aproveitamento de áreas específicas em função de seus interesses empresariais. Não se pode, contudo, aceitar ou tolerar que isto se faça independente dos planos de integração urbanística ainda mais quando se trata de uma área especial e diferenciada. A Lagoa de Abaeté e as dunas de seu entorno já foram incorporadas ao cancionário popular da Bahia e do Brasil. Participaram da propaganda paisagística contribuindo para fazer de Salvador uma cidade conhecida internacionalmente. É compreensível, por isto, que quantos já se conscientizaram da importância da preservação ecológica reajam contra loteamentos especulativos, cujos efeitos serão inevitável e irreversivelmente danosos à beleza e harmonia paisagísticas do local.

No capítulo VI - "PROPOSTA PARA AGENCIAMENTO DA ÁREA DO ENTORNO DA LAGOA DO ABAETÉ", trata-se especificamente da intervenção paisagística no local, desenvolvida a nível de ante-projeto.

A proposta apoiou-se no inventário fisiográfico e na análise das intervenções antrópicas na área, procurando sempre valorizar os seus aspectos e recursos naturais.

No capítulo VII - "NORMAS E DIRETRIZES DE PAISAGISMO PARA FORMAS DE INTERVENÇÃO NA ÁREA DO CINTURÃO DE PROTEÇÃO" definiram-se os cuidados necessários quanto às intervenções e implantações na faixa do cinturão, com vistas à preservação da cobertura vegetal da área e da estrutura superficial da paisagem.



II. CARACTERIZAÇÃO DA VEGETAÇÃO REGIONAL DE ABAETÉ-ITAPUÃ: SÚMULA DOS FENÔMENOS BOTÂNICOS

As massas de vegetação sediadas no contorno da Lagoa do Abaeté e nas dunas que a circundam apresentam-se constituídas de resíduos de vegetação natural, profundamente modificada pelas intervenções e influências antrópicas.

Do ponto de vista sucessível (serial), o desenvolvimento opera-se numa "hydrosere" alogênica, partindo das comunidades lacustres até as cristas das dunas. Considerada fisionomicamente, a vegetação é heterogênea, com predominância de formas arbustivas e subarbustivas, em maioria perenifolias. Não há sinais de restrição de água e o solo escavado abaixo da camada superficial dessecada pela evaporação revela-se molhado e fresco.

Os testemunhos arbóreos amiúde presentes (*Vochysia* sp.) indicam que a vegetação natural potencial de região seria uma mata de restinga com predominância de espécies psamofíticas.

A fisionomia geral é afetada pela presença de formas de finidas e marcantes, como sejam cactáceas, palmeiras e trepadeiras.

A secundarização da vegetação é consequência de um longo período de intervenções humanas, através de retirada de madeira (principalmente lenha), queimadas nos períodos de estiagem, trânsito de veículos, animais e pedestres, construção de habitações, cultivos rudimentares e outros usos de menor significação (lavagem de roupa, caça, atos ligados a crendices, brincadeiras infantis, etc.).

O fato é que, à medida em que aumenta o uso humano da área, sua cobertura vegetal vai rareando, parcelando-se em



massas isoladas, diminuindo de porte e reduzindo-se quanto ao número de espécies vegetais presentes.

Caminhando-se no sentido do aeroporto, encontram-se outros núcleos de vegetação melhor conservadas e com acentuada diminuição da fricção de uso. Aí a vegetação é caracterizada pela presença de mata de restinga com suas espécies assinaladoras (Pitangueiras, Guriris, Bromélias e abundância geral de mirtáceas).

Na orientação indicada quando se atinge as vizinhanças do aeroporto, entre a Lagoa de Iemanjá e as primeiras pistas, encontra-se a massa de vegetação melhor conservada. Tal situação decorre da proteção conseqüente da segurança do aeroporto, da carência de acessos e da irregularidade topográfica. A vocação natural desse trato será a de permanecer como zona tampão do aeroporto, função não colidente com o seu uso.

No decorrer do levantamento foi possível reconhecer a frequência dos danos à paisagem, conseqüentes das agressões tanto no relvado quanto na vegetação. Observavam-se, principalmente, os efeitos de queimadas e de circulação de máquinas pesadas (tratores de esteiras), destruindo a vegetação, interferindo na drenagem superficial e provocando o aparecimento de sulcos de erosão.

Outra fonte de danos reside na passagem de jipes nos taludes, provocando o fenômeno de flexão da areia para o interior da Lagoa, aumentando o assoreamento.

De modo geral o desmatamento conduz à reativação das dunas que, em alguns trechos, encontram-se em franca movimentação, soterrando a vegetação, e mesmo edificações e invadindo as duas lagoas que existem na gleba. Uma delas, a de menor superfície, já está a ponto de ser cortada



dã ao meio pela duna reativada.

Nos adensamentos, encontram-se representantes arbóreos que permitem caracterizar a vegetação potencial local como um subtipo de floresta atlântica (mata de restinga). Entretanto, a retirada de lenha tem descaracterizado a vegetação local e apenas através do exame de árvores testemunhos é possível uma reconstituição aproximativa da vegetação original, como reserva biológica e área de pesquisas.

A proposição acima liga-se a uma definição mais geral e com repercussões no planejamento do Recôncavo como uma grande unidade sócio-econômica e sócio-cultural, tendo em vista a importância da mata de restinga, que é por si mesma de um inestimável valor em matéria de equipamento paisagístico e de potencialidade de lazer. Nesse contexto, é de maior relevância em âmbito regional que testemunhos desse tipo de vegetação sejam conservados para uso e in formação das gerações presentes e futuras e, numa longa visão prospectiva, como banco genético para uso paisagístico e de remanejamento da cobertura vegetal.

A presente proposição advoga a implantação nessa área de um Centro de Pesquisas que, com base no plantel científico da Universidade da Bahia, permitirá a correta gestão desse patrimônio ecológico.

O Centro de Pesquisas indicado contribuiria para o conhecimento geográfico e biológico do sistema, para a capacitação de pessoal que irá prestar serviços em outras áreas e em outros projetos exigidos pelo processo de desenvolvimento do Estado da Bahia, sem o que as possibilidades de erro ou destruição indevida irão onerar os seus custos econômicos e sociais.



Recomenda-se, ainda, seja criada uma faixa de transição entre as áreas urbanizadas envolventes do Parque e suas áreas específicas de preservação ou de lazer, faixa esta que poderá ser concebida como uma zona de uso comunitário limitado.

Em sua função limitante seriam utilizados, de modo flexível e com intensão paisagística integrativa, elementos topográficos e massas arbustivas orientando o movimento do pedestre.

O mosaico das superfícies ocupadas e das áreas livres seria marcado pela presença de massas residuais de vegetação, associadas a massas plantadas com predominância de elementos regionais, assegurando uma passagem gradual dos plantios jardirústicos próprios das áreas urbanizadas às massas de vegetação protegidas das áreas de Parque e das reservas.

Especial atenção deve ser atribuída ao extremo norte do Parque, área que se estende entre as pistas do aeroporto e a linha do litoral, atingindo a divisa do município de Lauro de Freitas. O fato de não ter sido ainda afetada por loteamentos, de estar em condições aproximadamente naturais e de servir como Zona Tampão do aeroporto, milita em favor de sua incorporação ao Parque e de sua utilização como reserva de flora e fauna, permitidos apenas e criteriosamente alguns usos extensivos.

A proposta considera extremamente importante a preservação de uma "transect" que documente o processo sucessional de colonização, a partir da linha de fluxo e refluxo das marés até as dunas mais elevadas. O próprio "transect" aqui referido seria com vantagem implantado nessa área numa posição oblíqua à linha do litoral, aproximadamente,



e paralela à pista principal do aeroporto.

Dentro do contexto geral da gleba do Parque Metropolitano de Abaeté, destacou-se para um exame mais detalhado e para a análise dos componentes significativos do ponto de vista paisagístico, um setor que corresponde ao contorno da Lagoa do Abaeté e as duas que a circundam. Esta área foi escolhida por constituir, dentro do plano em elaboração, a primeira a ser desenvolvida a nível de anteprojecto.

O entorno da Lagoa do Abaeté constitui uma área privilegiada da cidade de Salvador, extremamente valorizada, do ponto de vista de lazer, pela posse de valores cênicos e topográficos que, associados a uma tradição local, à qual não falta um componente folclórico, conformam um centro de interesse social e comunitário.

Tal condição valoriza o complexo vegetal ainda existente, embora já bastante prejudicado pelos maus usos, e oferece a base para a estruturação de uma área de parque que, recebendo valores derivados de base geográfica, e em conjunto com os equipamentos tecnológicos a serem definidos no projecto paisagístico, permitirão o atingimento do objectivo visado.

Na área do Abaeté mesclam-se elementos da Floresta Atlântica e dos tabuleiros do Nordeste. Essa consideração é importante porque indica sobretudo uma diversificação de vegetação, sob a influência de factores principalmente de natureza edáfica.

A vegetação dos tabuleiros é marcada especialmente pela presença de alguns componentes arbóreos como Hancornia speciosa (mangabeira), Kielmeyera sp e Curatella americana (lixadeira). Das três, a mangabeira é a que possui



maior valor paisagístico, pela elegância de seus ramos pendentes.

As amostragens feitas em diferentes locais permitiram estabelecer, para fins de prospecção, três áreas que devem ser consideradas individualmente. A Área 1, situada à esquerda da Lagoa, compreende o platô ocupado pelo mirante e seus acessos, bem como os pendentes que circundam essa elevação. No fundo da Lagoa encontra-se a Área 2, com relevo mais diversificado, comportando uma sucessão de taludes e topos, que configuram as maiores elevações (cota 55). Esta é a parte menos atingida pelas intervenções humanas e onde se encontram os adensamentos de vegetação mais significativos.

Uma terceira área, a Área 3, distribui-se para a direita da Lagoa, avançando até o contacto com a Área 2, da qual se separa por um talvegue natural. Nela, a vegetação assumiu uma distribuição insular, com grupos vegetais separados por faixas de areia livre e movimentada por efeito dos ventos, e em alguns lugares fluindo pelos pendentes e chegando a escorrer para dentro da Lagoa.

Nessa área os danos à vegetação são os causados pela circulação mais intensa de turistas, pelo tráfego de jipes e pela movimentação da areia, que em muitos pontos soterra a vegetação.

Na Área 1 as espécies arbóreas mais significativas, afora os elementos do tabuleiro já mencionados, são o cajueiro - Anacardium occidentale, a aroeira - Schinus terebinthifolius, um Chrysophyllum - (Sapotaceae), uma árvore de excepcional valor paisagístico e sobretudo no período que precede a queda das folhas, quando assume colorido amarelo intenso o Ficus nymphaeifolia, uma Annonaceae-Xylopia sp; uma Burseraceae-Tetragastris sp, Rapanea sp (Myr



sinaceae) e uma outra espécie de Ficus, F. pulchella, também grandemente ornamental.

A componente arbustiva e subarbustiva é representada por Solanum jurubeba Davila rugosa - (Dilleniaceae), Coccoloba sp., (Polygonaceae), Myrcia truncifora - (Myrtaceae) e Stachytarpheta dichotoma (Verbenaceae). As pioneiras vegetais são representadas entre outras, por Lantana camara e Waltheria polyantha.

Os elementos escultóricos presentes são sobretudo palmeiras como o licurizeiro (Syagrus coronata) de folhas cerosas, a aricuririba (Arikuryroba schizophylla), palmeira delicada, e o dendê (Elaeisis guineensis), palmeira africana naturalizada. São frequentes as trepadeiras como, por exemplo, Oxypetalum sp. e Ditassa sp. (Asclepiadaceae), Ipomoea sp. (Convolvulaceae), Mandevilla sp. (Apocynaceae), Paullinia sp. (Sapindaceae), e Smilax sp. (Biliaceae), robusta trepadeira aculeada e vulgarmente denominada de "japecanga". As cactáceas são representadas por Cereus farnambucensis e Hylocereus undatus.

Na Área 2, as árvores significativas todas representadas por indivíduos de porte intermediário, são em frequência decrescente Rapanea sp., Inga sp. (Leg. Mim), Anacardium occidentale Copaifera sp. (Leg. Caesalp.), Bauhinia sp. (Leg. Caesalp.), Loncho carpus sp. (Seg. Pap.), Peltogyne sp. (Leg. Caesalp.), Guatteria sp. (Annonaceae), Lucuma mammosa (Sapotaceae), Diospyros sp. (Ebenaceae) e Cecropia adenopus (Moraceae), todas pertencentes ao elemento atlântico. A flora dos tabuleiros é representada apenas por Kielmeyera sp. (Guttriferae).

Os arbustos mais importantes são Coccoloba sp., Pisonia sp. (Nyctaginaceae), Leucothoe sp. (Bricaceae), Humiria



floribunda (Humiriaceae) Smilax sp. (Liliaceae) e Himanthus phagedenica (Apocynaceae).

As palmeiras encontradas são Attalea sp. (pindoba), Astrocaryum airi (airi) e Allagoptera sp. As trepadeiras são Trigonia sp. (Trigoniaceae) Mandevilla sp., Ditassa sp., Passiflora sp. (Passifloraceae).

A Área 3, a mais percorrida pelos usuários da região do Abaeté, foi objeto de uma amostragem mais intensa, que evidenciou a riqueza de sua composição florística.

O levantamento realizado pela equipe de campo permitiu uma análise preliminar, partindo das elevações de maior cota para os níveis inferiores.

Essas porções mais elevadas apresentam, entre os componentes arbóreos de sua associação, seguindo o mesmo critério de frequência decrescente, os a seguir relacionados: Rapanea aff. guianensis, Anacardium occidentale, Peltogyne sp., Bauhinia sp., Inga sp., Schinus terebinthifolius, Ficus sp., Cecropia adenopus e Lucuma mamosa.

Já a componente arbustiva é representada, segundo o mesmo critério, por Leucothoe sp., Myrcia edulis (Myrtaceae), Pisonia sp. e Ouratea sp. (Ochnaceae).

As cactáceas são representadas por Cereus fernambucensis e Melocactus sp. São comuns entre as trepadeiras Mandevilla sp. com duas espécies, uma de flor branca e outra de flor amarela, Tassadia sp. (Asclepiadaceae), Smilax sp., Vernonia sp. (Compositae), Davilla rugosa, Dalechampia sp. (Euphorbiaceae), Mikania sp. (Compositae).

Entre as arvoretas são de mencionar Kielmeyera sp. e Annona sp. (Annonaceae).



Na mesma área e em níveis mais baixos, a vegetação apresenta uma composição florística mais diversificada, porém com repetição de elementos já assinalados.

Dentre as árvores, predominam por sua frequência, considerada esta em sentido decrescente, Ficus sp. (ao todo foram encontradas 4 espécies de Ficus), Rapanea aff. guianensis, Peltogyne sp., Lucuma Mammosa, Schinus terebenthi folius, Pterocarpus sp., Jacarandã sp. (Bignoniaceae) Anacardium occidentale, Pseudobombax, (Bombacaceae), Lonchocarpus sp., Bauhinia-sp., Inga sp. e Copaifera sp.

Entre as arvoretas registram-se Annona sp., Kielmeyera alba e Himantanthus sp.

Os arbustos numericamente predominantes são constituídos sobretudo pelos seguintes representantes do grupo: Pisonia sp., Myrcia edulis, Byrsonima sp., Coccoloba sp., Vitex montevidensis, Leucothoe sp., Ouratea sp., Maytenus sp. e Casearia sp.

As palmeiras encontradas na área são Elaeis guineensis, Astrocarym airi, Syagrus sp. e Allagoptera sp.

O grupo das trepadeiras comparece com Smilax sp., Fredericia sp., Mikania sp., Mandevilla sp., Trigonia nivea, Strychnos trinervis, Davilla rugosa e Allamanda sp.

Dentre os componentes arbóreos, alguns se destacam por seu crescimento, porte, copa, textura foliar, floração e capacidade adaptativa integrada aos microclimas locais.

Aqui devem ser lembrados, de imediato, as diferentes espécies de Ficus presentes na área, especialmente F. catapaeifolia, F. pulchella e o F. nymphaeifolia.

Outras árvores a mencionar são Rapanea, Tetragastris, as



diferentes espécies de Inga, indicadas para pontos de maior umidade, Peltogyne sp., Copaifera sp., Lonchocarpus sp., Himathantus phagedenica, Anacardium occidentale, Schinus terebentifolius, Pseudobombax macrophyllum e Xyloplia sp.

Certos elementos, embora de grande valor paisagístico, como por exemplo, Vochysia sp., não devem ser considerados devido à dificuldade de obtenção de mudas.

Nos setores afetados pela vegetação de tabuleiros cabe a indicação do aproveitamento sobretudo de Hancornia speciosa e de Kielmeyera alba.

A componente arbustiva será atendida pelo plantio de massas de Myrcia trunciflora, de Leucothoe sp., de Humiria floribunda, de Ouratea sp., de Byrsonima sp., de Maytenus sp. e de Capparis sp.

O elemento palmeira a ser aproveitado corresponde à Elaeisis Guineensis, a Arykuriroba schizophylla, a Syagrus comosa, a Allagoptera sp. e a Attalea sp.

Com relação às diretrizes para a intervenção paisagística no tocante ao manejo da vegetação, a indicação inicial consiste em buscar em grau máximo a reconstituição da mata de restinga. Para tanto, a intervenção paisagística deverá ser conduzida segundo linhas conservacionistas. Visando este propósito, deve-se assegurar que os plantios de embelezamento e integração observem o aproveitamento criterioso dos elementos significativos da flora local, conforme indicados no item anterior e sempre com a possibilidade de ampliação da relação tentativa apresentada.

Para essa finalidade, seria da maior conveniência que se fizesse a implantação de um horto no local ou, caso im



praticável, fosse aparelhado algum horto viveiro municipal para o cumprimento da tarefa de coleta, seleção e multiplicação dos materiais vegetais apontados.

Outra indicação reputada muito importante é a da proibição de toda a circulação de veículos fora das superfícies pavimentadas, acompanhada naturalmente do disciplinamento do trânsito de pedestres, que ora é feito de maneira desordenada, através das massas de vegetação e em todas as direções. Sugere-se que as trilhas assentadas no terreno acompanhem, sempre que possível, as curvas de nível.

Em determinados setores é imprescindível um trabalho de estabilização e contenção do movimento das areias, a ser alcançado com o uso de proteções e obstáculos inertes e biologicamente ativos.

Todos os plantios de recuperação paisagística deverão dispor de um suporte tecnológico capaz de assegurar que em nenhum momento venham a sofrer de restrições de água.

Ainda sobre a circulação de pedestres, deverão eles ser conduzidos através de trilhas, convenientemente locadas, e que ofereçam condições de acesso a um determinado número de pontos altos ou mirantes, e que, por outro lado, venham a permitir uma forma de circulação acompanhando a orla da Lagoa do Abaeté.

O ideal seria que a periferia do Parque fosse delimitada e isolada por obstáculos de uso social ou vedações internas.

A introdução de plantas e materiais exóticos deverá sempre depender de consulta prévia, impedindo-se assim, a introdução de elementos indesejáveis.

O presente processo de reconstituição da flora do Abaeté



dependerá muito, para seu êxito, de um bom planejamento e de uma campanha de esclarecimento que mobilize as vontades humanas, orientando-as em suas formas de ação.



III. CARACTERIZAÇÃO DO AMBIENTE ECOLÓGICO:
ASPECTOS FISIOGRAFICOS E GEOMORFOLÓGICOS

As dunas de Itapuã constituem um dos setores mais notáveis do cordão geral do campo de dunas que se estende ao longo da fachada atlântica de Salvador em direção ao norte, até Sergipe.

Trata-se de um cordão de dunas predominantemente longitudinal à costa, porém descontínuo em largura e alinhamento.

Os campos de altas dunas da Boca do Rio e as de Itapuã, situadas no interior da área metropolitana de Salvador, constituem dois subconjuntos notáveis, destacados no maciço geral das dunas costeiras da Bahia e Sergipe há muito incorporadas à moldura do sítio urbano de Salvador: Boca do Rio em área de transição entre a metrópole interna e a metrópole externa atuais, e Itapuã na área da faixa de praias, onde a metrópole externa ganha terreno rapidamente devido às suas excepcionais qualidades ambientais.

O Campo de Dunas de Itapuã forma o maciço arenoso protetor entre a área do Aeroporto 2 de Julho e a zona residencial da faixa de praia situada imediatamente ao norte de Salvador, sendo sua principal aglomeração urbana em bairro de "tipo terminal" constituído pelo núcleo de Itapuã.

Toda a beleza e força de atração visual da faixa de marinha de Salvador está ligada à notável sucessão de feições naturais de sua fachada costeira. Deste a Barra até o



norte de Itapuã, observa-se uma composição onde se alternam pequenos quadros paisagísticos.

A partir da Barra destacam-se morros e colinas sob a forma de promontórios curtos com setores de abrasão, permeados por praias de pequena extensão, resguardadas por escolhos de recifes areníticos.

Piscinas naturais, irregulares, com águas rasas e cáldas, permanecem entre o estirâncio das praias atuais e a velha praia fossil reduzida a escombros na altura da Barra.

Contornados alguns setores onde as colinas cristalinas têm contato direto com a linha da costa, estende-se um segundo setor de praias mais extensas e de estirâncios mais largos, correspondentes ao principal subconjunto de praias residenciais da metrópole: Piatã e Amaralina.

O cordão de areia destas praias está encimado por um subconjunto de dunas baixas recentes, que serve de suporte aos ~~graciosos~~ coqueirais de praia, já integrados à paisagem vegetal de Salvador.

Os coqueirais apresentam fortes vantagens paisagísticas sobre a réstea de vegetação costeira original, podendo e devendo ganhar área e densidade nos planos futuros de espaços verdes metropolitanos sem maiores prejuízos do ponto de vista ecológico.

Os morros, escarpas e colinas cristalinas que formam o baixo maciço de Salvador - disposto sob forma de Largo Promontório entre a Baía de Todos os Santos e a Fachada Atlântica - pertencem ao conjunto geral do domínio morfoclimático e fitogeográfico dos "mares de morros" floretados.



No entanto, a Floresta Atlântica de Salvador apresenta-se diferenciada por variáveis específicas da faixa de contacto tríplice, constituída pelo litoral tropical da área. Ali, todas as sub-unidades geomorfológicas e fitogeográficas estão mais ou menos condicionadas por fatores sedimentológicos e pedológicos, além de variáveis hidrológicas específicas da costa: vegetação natural das dunas e restingas do brejos encarcerados entre cordões de areia, manguezais das embocaduras frequentadas pelas águas salinas trazidas pelas marés.

No momento em que algumas iniciativas isoladas de loteamentos de caráter especulativo começam a ameaçar a preservação do principal campo de dunas existente na faixa marinha do espaço metropolitano de Salvador, é importante lembrar que este conjunto paisagístico de considerável valor, possui grande fragilidade perante ocupações inadequadas. Em hipótese alguma poder-se-á abandonar o sub-universo do espaço geográfico regional à iniciativa descontrolada e não dotada de qualquer espírito de auto-integração dos loteadores comerciais.

Por mais notáveis que sejam os projetos tendentes a retalhar fatias de um campo de altas dunas para efeitos de loteamentos, com vistas a implantações residenciais, sempre conterão uma parcela de participação do sistema vigente de especulação imobiliária, que vem se assenhoreando de todas as iniciativas parciais de organização do espaço nas áreas metropolitanas externas das grandes cidades brasileiras.

Confundem-se, no processo de partilha das glebas, os campos de dunas, fachadas praianas, setores de brejos, morros, colinas e encostas, independentemente de sua constituição geológica, de sua hidrologia, de seus solos, de sua



ecologia e originalidade paisagística.

Tomam-se sub-unidades geomorfológicas totalmente diferentes como um potencial de partilha, desligado de qualquer preocupação com o zoneamento mais lógico e racional de assentamentos urbanos, contribuindo para estimular iniciativas desaconselhadas e contraindicadas.

O Parque Metropolitano de Abaeté teve seu projeto centrado e inspirado na forte presença paisagística das lagoas encarceradas no entremeio das altas dunas costeiras da área de Itapuã.

A hidrologia especial vigorante nos campos de dunas costeiras responde pela existência desse tipo específico de lagos, envolvidos por altos cômoros por quase todos os quadrantes.

Com suas águas azuladas escuras ou negras, inseridas por entre as pequenas depressões e sulcos eventuais que rebaixam o campo principal das dunas, as lagoas tipo Abaeté e Yemanjá constituem uma paisagem de excepcional beleza cênica, pelo contraste introduzido na paisagem geral dos cômoros do branco alvo comunicante das areias ligeiramente relvadas das dunas, e o verde das pequenas matas que tentam segurar as encostas das altas dunas, às quais opõem-se os tons azuis e negros das águas encarceradas nas depressões interdunares.

Os fatores que justificam a criação de um parque na área do Campo de Dunas de Itapuã são inúmeros e de relevância excepcional dentro do quadro geral do Sítio Urbano Metropolitano de Salvador.

Entre as justificativas básicas que dão apoio à idéia de transformação das dunas regionais em um parque de escala



metropolitana, alinham-se as que se seguem:

1. O Campo de Dunas de Itapuã é um quadro físico e biológico de exceção no conjunto do sítio urbano metropolitano, situado nos confins do setor da marinha na metrópole interna de Salvador.
Da Barra a Itapuã todos os espaços costeiros já foram comprometidos pela urbanização.
No interespaço entre Itapuã e o Aeroporto, sob forma de área de proteção da própria funcionalidade aeroportuária, permaneceu agreste o campo de dunas de Itapuã, contribuindo para garantir a aproximação e a segurança de voo.
2. As dunas de Itapuã, com 50 a 70 metros de altura máxima, constituem um dos mais belos exemplos de acumulação de areias por processos eólicos costeiros, de todo o litoral brasileiro. Entrementes, documentam ações fisiográficas do passado recente em termos geológicos e geomorfológicos.
Se forem destruídas ou adelgaçadas, jamais seriam recompostas, devido à incompetência dos processos eólicos atuais para a formação de altas dunas similares. Se as areias locais forem remexidas ou artificialmente adelgaçadas, ou se as pequenas matas de suas encostas forem eliminadas, ocorrerá uma reativação residual das areias superficiais que poderá redundar em caminhamento das areias para os lados do Aeroporto, avenidas de acesso e outros assentamentos urbanos circunvizinhos, situados à retaguarda das dunas.
3. As pequenas matas das encostas das dunas altas e médias estão fragilmente instaladas sobre uma terra lixóvica, evoluída a muito custo, nos últimos 3.000 ou 4.000 anos.



Eliminadas as matas e raspadas as "terra-lixo" tal como já se pôde observar em um dos loteamentos especulativos, de implantação rápida, feito na área, ter-se-á perdido para sempre o único suporte geoecológico para garantir um pouco de verde no entremeio dos cômodos.

4. O modelo de operações escolhido para implantar loteamentos nas dunas comporta raspagem da "terra-lixo", eliminação das matinhas agrestes e recobrimento da trama viária por terra vermelha de áreas de colinas e morros adjacentes.

Trata-se de um conjunto de operações exploratórias e altamente artificiais para recriar um sítio de valor especulativo no meio das dunas, fato que redundará num tamponamento total das acumulações eólicas, com eliminação do potencial paisagístico e ecológico que diferencia a região.

5. A cópia do modelo operacional através de sucessivos loteamentos em glebas transversais ao campo de dunas redundará em um mero aproveitamento de uma "topografia" com eliminação total de um substratum paisagístico, a médio prazo.
6. Na área metropolitana de Salvador não existem mais sítios similares ao Campo de Dunas de Itapuã, para a formação de parques dentro de limites razoáveis de distância e acesso.



IV. CONCEITUAÇÃO SOCIAL DO PARQUE METROPOLITANO DE ABAETÉ -- ASPECTOS SÓCIO-CULTURAIS E ECONÔMICO-DEMOGRÁFICOS

A gleba definida para implantação do Parque Metropolitano de Abaeté forma um quadro ecológico resultante da interrelação dinâmica entre os organismos e seu meio ambiente.

A área apresenta um quadro físico de excepcional particularidade, marcada pelas dunas e lagoas, sucedendo-se nas franjas marítimas as praias residenciais e as praias de pequena extensão resguardadas por escolhos de recifes a-reníticos.

O objetivo básico do presente estudo é a conservação destes recursos naturais. A idéia de preservação se impõe na medida em que a ação predatória dos seres humanos a médio e a longo prazo resultará na desfiguração e provavelmente na destruição do conjunto ecológico.

Afirmou-se no capítulo inicial que a proposta de preservação traduz a idéia de que o acervo ecológico é essencial e necessário como um presuposto da qualidade de vida dentro do âmbito metropolitano.

Os estudos especializados da vegetação e da morfologia geográfica revelam que, ao longo do processo histórico, na ação produtiva e reprodutiva, os homens foram paulatinamente se apropriando da natureza, dela extraindo os meios de subsistência, os elementos de conservação humana, transformando a vegetação em combustível através da retirada da madeira ou utilizando-se dos elementos naturais para construção de habitações.

Sucederam-se outros tipos de intervenção, como as queima



das, cultivos rudimentares e também as atividades de higiene pessoal, transformando as lagoas em tanques públicos, etc.

Nos primórdios da vida social, a produção da comunidade realizava-se na apropriação da natureza dentro dos limites da reprodução natural. Em outras palavras, a produção e reprodução humana e natural compassava harmonicamente, no mesmo ritmo, havendo espaços temporais para a própria reprodução natural e social.

A comunidade e a natureza reproduziam-se numa relação de mútua interdependência. Na esfera da representação simbólica, os mitos, as credices e basicamente a religião traduziam esta interdependência do homem e da natureza. Esta relação entre o homem e a natureza pode ser facilmente apreendida, por exemplo, a partir da Lagoa do Abaeté.

A Lagoa do Abaeté, pelas suas características naturais - a alvura das areias, a negritude das águas, as dunas branquejantes cobertas em suas encostas pelo verdecer das vegetações litorâneas e plantas marítimas - forma uma unidade paisagística com variações cromáticas vivas e contrastantes, nitidamente demarcadas pela decantada brandura das areias, pelo negrume das águas e pela alvura das dunas que entranham o verdor da vegetação que circundam, ofertam aos seres humanos a diversidade de imagens e sensações que na sucessão do tempo histórico vão adquirindo as formas de crenças, credices, lendas e mitos.

Esse universo simbólico resultante da relação direta e indireta do homem com a natureza revela a importância que a Lagoa do Abaeté teve, tem e terá para os seres humanos que vivem das benesses do benevolente mundo natural.

Do intercurso entre o homem e a natureza, emergem os es-



tatutos da mútua dependência. Do homem que extrai a seiva natural para produzir e reproduzir-se. Da natureza que regenera produzindo e reproduzindo a vida natural. Nos primórdios da comunidade ali instalada, a Lagoa oferecia à coletividade humana os produtos de subsistência, tais como peixes e outros tipos de organismos vivos e, naturalmente, a água como matéria-prima de uso diversificado. Ao redor desses elementos e conjugada com a fauna e a flora pré-existentes no entorno composto de vegetação e árvores de pequeno e médio porte, surgiu uma vida comunitária e produziram-se os artefatos sociais e culturais.

Da utilização do peixe como produto de alimentação humana formou-se o tipo social do pescador, e do pescador resultaram os serviços de pesca como uma modalidade de atividade econômica. Dos cuidados com a higiene pessoal e familiar emergiu a figura das lavadeiras. Com o pescador desenvolveu-se o artesanato na confecção de artefatos de pesca. As lavadeiras trouxeram o encanto e o decantamento da limpidez d'água e a transformação das alvas areias do Abaeté em quaradouros de roupas que recobrem as suas praias formando um mosaico de cores.

Das figuras do pescador e das lavadeiras, estas últimas marcam ainda a paisagem do Abaeté, enquanto que a figura do pescador praticamente desapareceu. O que subsiste são as pescas recreativas de fim de semana, de pescadores amadores.

A diferença básica entre a pesca como atividade profissional e a pesca recreativa é que esta é praticada espontaneamente, sem envolver deveres e obrigações ou coações de qualquer espécie, enquanto a pesca como atividade profissional ou ocupação envolve a dualidade carência-subsistência e a satisfação das necessidades de sobrevivência,



podendo compreender obrigações e deveres morais e contra
tuais.

Por outro lado, para as lavadeiras, a Lagoa é de vital im
portância e isto nada tem de folclórico, pelas seguintes
razões:

- a) Do ponto de vista econômico, a família das lavadeiras pode formar uma unidade produtiva ou de serviços (produzindo como força de trabalho braçal ou semiqualifi
cado ou prestando serviços ou ainda vivendo de peque
nos expedientes, vendendo doces e quitutes caseiros ou também comercializando água de coco retirado dos coqueirais circunvizinhos), mas fundamentalmente perten
ce à faixa econômica de rendas precárias, vivendo em habitações rústicas e carentes (favelas).
- b) Do ponto de vista social, o entorno da Lagoa do Abaetê forma um parque comunitário natural (no geral as lavadeiras afluem para o logradouro com seus rebentos, e estes, ou no regaço materno, ou próximos sem se desgarrar do horizonte visual de suas mães, praticam jogos e recreações diversas, cada um vivendo a sua fantasia); as lavadeiras não só transformam a Lagoa em local de trabalho, mas também em ponto de encontro e agência de informações.
- c) Do ponto de vista cultural, da relação homem-natureza, do processo de produção e reprodução social e dos fatos e acontecimentos inexplicáveis e trágicos, elaboram imagens pré-científicas em forma de crenças e credences, mitos e lendas para entenderem as alegrias e as fatalidades do cotidiano, contraditoriamente bene
volente e cruel.

Daí emergirem os rituais mágico-religiosos e as oferendas aos poderes sobrenaturais corporificadas em i



magens diversas.

Através das imagens e histórias fantásticas os homens encontram uma forma de explicação pré-científica dos fenômenos cruciais de natureza dramática, trágica e reconfortante.

Do encanto ao desencanto, as lendas, os mitos e as credices estão intimamente interligadas aos fenômenos sociais que compõe, a trama paisagística e ao cotidiano do Abaeté: o negrume d'água e a presença constante da morte por afogamento, a estória fantástica da loura nua e as noites mal dormidas dos pescadores, o mito da mãe d'água e as lágrimas vertidas pelo desaparecimento inexplicável de algum ente querido, etc.

Esta relação do homem com a natureza e a dos homens entre si formam os processos de produção e reprodução econômica, social, cultural e religiosa.

As favelas estão vitalmente interligadas com a Lagoa do Abaeté, onde a dependência e sujeição do homem em relação à natureza se personifica no tipo social das lavadeiras e seus dependentes. E sendo a lavadeira do Abaeté uma personagem marcante da paisagem cultural baiana e, o que é mais significativo, tendo em vista que a palavra favela, segundo Laudelino Freire, "designa um arbusto da catinga baiana Enterolobium ellipticum, que deu nome a um morro que se tornou célebre na campanha de Canudos em 1897" (Tipos e Aspectos do Brasil, Edição IBGE-1956), julgou-se indispensável considerar as lavadeiras e suas respectivas habitações - as favelas - como parte integrante do Parque Metropolitano de Abaeté. Portanto, as favelas também se transformam num elemento de preservação e recuperação, impondo-se evitar que a comunidade formada por famílias de rendas precárias seja convertida em



grupos sociais lesados. Pelo contrário, para que se preserve a figura da lavadeira, recuperando-a da condição de precariedade, torna-se necessário criar algumas pré-condições.

Estas podem ser definidas em forma de uma propriedade comum do solo, ou de propriedade comunitária em que o domínio útil do solo seria cedido pela Prefeitura mantendo esta o seu domínio eminente (enfiteuse). Porém, não bastaria apenas ceder um pedaço da gleba do futuro Parque Metropolitano para que estas populações de renda precária utilizassem o solo de forma adequada. À precariedade da renda se associa também um padrão de vida precário, formação educacional, social, profissional e cultural marcada pela carência.

Elas formam um simples aglomerado, o que se reflete nas ações emocionais e instintivas, vivendo praticamente num estágio de desenvolvimento pré-social. Em vista disso, torna-se relevante traçar uma política de ressocialização para que se crie um vínculo afetivo comum, um sentimento de totalidade, onde os interesses comuns seriam postos como objetivo a ser atingido, sobrepondo-se aos interesses individuais. Para alcançar plenamente o que aqui se propõe, seria necessário reeducar, descodificando os interesses individuais aflorados na luta pela sobrevivência.

Quando os favelados atingirem um estágio de socialização adequada, inevitavelmente eles se organizarão planejando o uso do solo em benefício da comunidade, em conformidade com as necessidades comuns.

Das lavadeiras e de todos que vivem em dependência com a natureza, surgem os mitos, as crendices e as lendas. Estas representações simbólicas pré-científicas alojam não só elementos de controle social mas também de uma forma



contraditória os elementos de liberação social. Estes elementos estão presentes na lenda da mãe d'água que reprime a utilização da Lagoa do Abaeté como balneário público; por outro lado, a opinião de que a Lagoa é encantada é um chamamento à contemplação e a liberação das emoções. Ambos os elementos, tanto os que servem de controle social quanto os que servem de liberação e catarse aliviador, são traduções sociais da atitude dos homens de respeito à natureza da qual eles dependem.

Conceituou-se, desde o início dos estudos, que a futura gleba do Parque Metropolitano do Abaeté é um patrimônio do público em geral, definindo-se a idéia de um parque combinado de reserva ecológica e centro de lazer e recreação como um empreendimento público que atenda às tradições e às reais necessidades do povo, uma obra de recuperação e preservação que não seja objeto de privilégios de uma minoria, mas um acervo popular com participação generalizada, independente de quaisquer discriminações.

Para que o Parque Metropolitano do Abaeté desempenhe as funções de metropolização, é necessário que se transforme num centro de convergência e difusão de experimentos de preservação e recuperação ecológica, congregando centro de pesquisa ecológica, botânica ou fisiográfica, estação climática e uma infra-estrutura que funcione como atividade-meio para que a atividade-fim não seja desvirtuada por falta de condições materiais e humanas.

Nesse sentido, a área de reserva ecológica integral do parque e as respectivas instituições e organizações funcionarão como um centro de convergência e difusão de estudos e experimentos originais de ecologia, dentro de um certo padrão de excelência, como um centro-modelo e como sistema que organiza e integra o universo ecológico.



A médio e a longo prazo, poderia funcionar como centro dominante, matriz geradora e estruturadora de conceitos e padrões de excelência em preservação e controle ecológico e que se renovaria e se modificaria dentro de um determinado percurso temporal.

Por outro lado, para que o centro de lazer e recreação metropolitano de Abaeté desempenhe as funções de metropolização das atividades de lazer e recreação ativa e passiva, é essencial que a ele se integrem outros elementos além do centro ecológico composto de reserva ecológica integral e seus respectivos suportes infraestruturais, tais como os serviços de hotéis, restaurantes e boites, lancho netes e stand-bar, possibilitando assim a realização plena de sua função de parque de lazer e recreação. Os meios de realização são estes e outros equipamentos, adequadamente elaborados, que funcionariam como pontos de sociabilidade.

Estes pontos de sociabilidade deverão atuar como elementos que facilitem a velocidade e a movimentação de ação e relação sociais, sem que interfiram seletivamente ou como condicionantes no comportamento humano, marginalizando uns em benefício de outros, moldando ou padronizando comportamentos a partir de fórmulas pré-estabelecidas, em detrimento da criatividade e da espontaneidade humana, transformando os seres humanos em atores passivos, em vez de autores ativos e dinâmicos, dotados de imaginação, magia e poesia.

O catalizador de integração social que adensa a experiência humana seria, no caso, um parque. Na medida em que o parque de lazer e recreação é um parque público, deve-se atingir, não uma determinada parcela, ou determinadas classes sociais, ou públicos especiais.

Argumentando-se nesta direção, cabem reflexões em torno



deste público genérico. Genérico porque independe de classificação social, ou de classificação etária. O público do centro de lazer e recreação deve ser genérico porque é público o parque, e sendo público, é para todos, é um objeto de uso comum.

Nesse sentido, as habitações multifamiliares e os equipamentos de lazer organicamente articulados devem necessariamente ser colocados na parte externa do Parque, entre os limites deste e a faixa atlântica, nas áreas destinadas a reurbanização. Pois estes equipamentos pertencem aos futuros moradores das habitações multifamiliares. O mesmo acontece em relação ao templo, pois cada templo é exclusivo dos fiéis que professam ou crêem em determinados valores religiosos. O seu lugar adequado é o cinturão de proteção, na parte externa do parque. A mesma argumentação é válida em relação à colônia de pescadores, mas não para as escolas. As escolas públicas não discriminam, não selecionam, não classificam a partir de credos religiosos, classes sociais, crenças filosóficas, etc., elas discriminam, selecionam e classificam os estudantes apenas por faixas etárias. Em vista disso, as escolas devem ser localizadas de preferência nos loteamentos previstos, ou no cinturão.

Estes artefatos urbanos, produtos resultantes da transformação da natureza a partir do trabalho humano, traduzem os anseios, expectativas, aspirações e necessidades humanas.

O homem transforma a natureza para satisfazer as suas necessidades naturais, sociais, culturais e psicológicas: o homem também é natureza, mas uma natureza dotada de razão, afeto e emoção. O homem e a natureza vivem em simbiose, e se completam reciprocamente.



Se estas premissas são verdadeiras, então deve-se evitar, nos acessos aos diversos espaços físico-naturais do Parque, a predominância do calçadão. Quando o calçadão se prolonga e se espraia em demasia, a natureza é im pelida para mais longe.

Os organismos naturais devem coexistir harmonicamente, para que os homens não percam a sua identidade natural com os artefatos ou objetos culturais e sociais. Nos objetos culturais os homens encontram a sua identidade his tórica, como criadores, realizadores e empreendedores, ou seja: como autores e atores construtores da civili zação. Nos objetos sociais (nas instituições) os homens encontram a sua identidade social, ou seja: o sentimento de pertencerem e fazerem parte de uma dada coletividade, comunidade e sociedade.

O lazer e a recreação, constituindo um conjunto de atividades espontâneas e livres de obrigações e deveres (ao contrário do trabalho, que envolve obrigações e deveres contratuais), somente se realizam se desenvolvem e se multiplicam plenamente, em ambientes livres de coação e coerção. Os ambientes de lazer e recreação a serem estudados e elaborados devem formar um conjunto espacial que possibilite a liberação do homem.

Para que não ocorram padronização, exclusão, ou seleção por classes sociais, os locais destinados às atividades recreativas e de lazer devem apresentar diversidade e contraste, simplicidade e funcionalidade.

A existência de uma área agenciada como praça de uso coletivo, integrada ao Parque Metropolitano de Abaeté, sub tantivamente um parque ecológico, é importante para asociar natureza e povo, parque e massa, pois a praça não seleciona ou classifica a população, nem por faixas etá rias, nem por classes sociais e nem tampouco por níveis



de escolarização.

A praça é pública e é de todos. A contiguidade praça-parque ecológico facilita identificação e encontro. É ponto de parada, é ponto de referência e identificação de outros espaços físicos e equipamentos. É ponto de convergência e dispersão. É local de acontecimentos. E é, acima de tudo, essencialmente democrática, porque, numa praça pública não existem espaços privados e proibidos: todos os espaços físicos são livres para todos. É nessa praça do Parque Metropolitano ou Ecológico de Abaeté que deverão ocorrer os acontecimentos de cunho eminentemente popular, tais como: exposições de arte popular, feiras de artesanato, desfiles de danças folclóricas, recital popular, concertos populares, apresentação de coral e demais atividades que possam ser realizadas ao ar livre e com liberdade.

O parque de lazer e recreação de Abaeté comportaria os espaços físicos compostos de dunas, lagoas, bosques, praias alvas do Abaeté, bosques e bosquetes, colinas florestadas, os espaços físicos relvados, gramados, as palmeiras, os cajueiros, as matas de restinga, as plantas arbustivas e as pracinhas de amenização multi-funcional, que serviriam para os acontecimentos sociais, culturais e artísticos espontâneos do povo, e como logradouros de distensão, relaxamento, contemplação e deleite espiritual.

Recomenda-se evitar, na parte interna do Parque, a instalação de qualquer equipamento de lazer e recreação que discrimine, classifique ou selecione os usuários, tais como quadra de voleibol, bola-ao-cesto, de patinação, etc.

Os espaços físicos destinados ao lazer e recreação devem ser descaracterizados, para que se vulgarizem, no bom sentido, e se tornem logradouros públicos. São esses lo



cais como os denominados pelos norte-americanos de "resorts", em forma de elementos cênicos naturais, que funcionam como pontos de aglutinação, e de frequência popular, onde o público realiza seu talento recreativo natural, ocupando-se com diversão, passeios, caminhadas, jogos diversos: "happenings" literários, artísticos, dramáticos, culturais, etc.

Em outras palavras, o parque de lazer e recreação compreenderia os espaços físicos, fisiográficos, fitogeográficos e seus respectivos componentes botânicos fisicamente contrastantes, dunas, lagoas, colinas, florestadas, alvas praias de Abaetê, bosques, etc., e em planos contrastantes, áreas e equipamentos destinados às atividades liberatórias e espontâneas, em que os atores sociais soltam as suas emoções, ocupando-se com amenidades, atos contemplativos, exercícios ativos tais como caminhadas, paseios, marchas, jogos e outras atividades lúdicas, interagindo e transitando, entre e através de espaços físicos naturais e artificiais, exercitando-se e aperfeiçoando-se espiritualmente.

Em suma: humanizando-se progressivamente e libertando-se das tensões, das fadigas e dos esgotamentos provocados pelas obrigações e deveres provenientes do trabalho, família e outras imposições sociais. Estas atividades recreativas têm uma função reparadora e revitalizadora. Com efeito: o desenvolvimento tecnológico e o fenômeno da metropolização, na medida em que diminuem a jornada de trabalho, devem em contrapartida, proporcionar às populações metropolitanas centros de lazer e recreação, em igual ritmo ao desenvolvimento econômico, científico e material, oferecendo a estas populações uma multiplicidade de escolhas.



V. CONCEITUAÇÃO DO PARTIDO PAISAGÍSTICO DO PARQUE METROPOLITANO DE ABAETÉ.

A proposta elaborada para o Parque Metropolitano de Abaeté em Salvador, considera todos os fatos relacionados com a paisagem, a ecologia e as implantações já efetivadas na área por loteamentos e eventuais assentamentos residenciais.

O ponto de partida para a elaboração do plano do Parque é relativamente simples. Tomou-se o conjunto das dunas altas do sistema regional de dunas de Itapuã como o "core" a ser preservado e protegido dentro do grande Parque Metropolitano a ser organizado e implantado na área. Isso porque as dunas altas são relíquias de processos fisiográficos e de paleoclima recentes da área de Salvador, não passíveis de sofrerem modificações reversíveis. Sendo irreversível qualquer obra que venha alterar o conjunto desse "core" do campo de dunas regionais, a proposta procura sobretudo conservar, proteger e tornar esta área essencial na conceituação geral do Parque.

O fato do Campo de Dunas de Itapuã possuir uma posição paralela ao eixo geral da costa atual e ter uma largura média apreciada de alguns quilômetros no seu eixo menor e dezenas de quilômetros em seu eixo maior, conduziu à idéia de que, na organização do Parque, hajam ligações do interior até a praia, cortando transversalmente a área, limitando uma série de gomos de espaço a espaço e compartimentando áreas similares que formam conjuntos dentro do contexto geral do Parque Metropolitano.

A trama viária proposta criará ligações essenciais para o bom uso da paisagem e das cenas agrestes dos campos de



dunas, em relação a todas as camadas da população metropolitana.

Este partido absorve, de certa maneira, uma fatia de loteamento de má adequação em relação ao conjunto do campo de dunas, através da adoção de um modelo que reequilibra o quadro geral da paisagem das dunas e assegura para o parque um uso não predatório e orientado por faixas de ligação de interlândia e de faixas de praia, ao mesmo tempo que circunscreve a penetração de grupos humanos no interior do parque por certos eixos exclusivos.

Assim, adotou-se um partido em que o conjunto sul-sudoeste da importante faixa de dunas costeira-regional venha a ser sincopado, de espaço a espaço, por vias de acesso do interior para a praia, racionalmente ideadas e implantadas de tal maneira que facilitem o uso do espaço do parque, através de faixas definidas e restritivas.

Evidentemente, pelo fato de se criarem tais ligações do interior para a praia de espaço a espaço, no conjunto geral das dunas restarão gomos de espaços dunares, separados por estas vias de acesso.

Para a preservação de um campo de dunas que, no fundo, é um conjunto de areias acumuladas por ações eólicas, julgou-se indispensável a implantação de um cinturão de segurança, tanto no bordo atlântico do conjunto como no bordo situado à retaguarda das dunas mais elevadas.

No caso da retaguarda, onde existe um alinhamento um pouco mais definido sul-sudoeste e encostas relativamente abruptas, optou-se por um paisagismo ecológico, baseado em componentes da chamada mata do cajú, alternada por subconjuntos de plantações de coqueiros de praia que, comprovadamente, dão uma revalorização cênica de excepcional resultado em toda a fachada atlântica de Salvador.



Do lado Atlântico a situação dos diversos fatos fisiográficos da faixa costeira torna possível uma solução um pouco mais sutil, ao mesmo tempo capaz de conservar espaços para o parque e criar novos espaços para uma utilização racional do solo disponível da faixa de praia, levando-se em conta que ali ocorrem terraços de construção marinha, relativamente baixos da costa.

O exame do perfil da área entre a praia e a duna alta, portanto do mar para o interior, permite verificar-se a existência do estirâncio da praia com uma pequena berma, espécie de talude de terraço de construção marinha com algumas centenas de metros de largura, ainda que sem nenhuma continuidade.

Após essa faixa de baixos terraços aparecem as áreas de dunas médias, semi-isoladas e interpenetradas por depressões rasas, grosso modo situadas ao nível do próprio terraço. Estas dunas médias em seguida adquirem uma certa continuidade e tornam-se mais maciças e homogêneas, para bruscamente transicionarem-se para as dunas altas situadas a 20, 30 e 40 metros acima do nível intermediário e a 50, 60, 70 metros de altura em relação ao nível do mar.

A faixa de segurança básica neste bordo Atlântico do Campo de Dunas de Itapuã foi considerada aquela de transição, entre as dunas altas e as dunas médias.

Neste setor deverão realizar-se obras de reconstituição paisagística, de fixação de uma vegetação baseada nos componentes autóctones da área, ou seja, elementos sobretudo da mata do caju; eventualmente, nas reentrâncias e depressões, nas rampas dos pequenos anfiteatros das depressões de terras baixas encrustadas no meio das dunas intermediárias, deverão ser implantadas faixas de coqueiros de praia, resguardando-se algumas das depressões



para utilização especial.

Em termos aureolares, esta faixa de proteção atlântica das dunas altas equivalerá a um corredor irregular de vegetação de mata do caju e de maciços de pequenos bosques de coqueiros, com um planejamento paisagístico adequado, limitando-se o conjunto em relação à faixa de terraços de construção marinha por um eixo de circulação que deverá ter uma posição assimétrica.

Uma das margens dessa avenida não muito irregular, nem geometricamente reta, estará voltada para a faixa de segurança, e as instalações especiais que para ali sejam indicadas, enquanto a outra faixa voltar-se-á para a área de urbanização a se elaborar e planejar para as praias. Evidentemente, muitos pequenos maciços de dunas médias ficarão em posição intermediária, entre a faixa de segurança e a zona de urbanização.

Conceder-se-á o direito de se arrasar os pequenos setores de dunas médias semi-isoladas que venham a ficar entre a praia e esta avenida interna de acesso e distribuição para a urbanização da área.

Resta falar sobre a faixa de segurança na finisterra do Campo de Dunas de Itapuã voltada para sul-sudoeste.

Neste setor, onde já existem assentamentos residenciais nústicos, incluindo-se mesmo um conjunto de favelas que representa a principal aglomeração humana situada à margem ou mesmo no interior da área que se pretende usar para o Parque Metropolitano de Abaeté, preconiza-se um paisagismo um pouco mais diversificado, sempre, porém, incluindo vegetação da mata do caju e maciços de coqueiro de praia, que são comprovadamente indicados para a área, já que em regiões próximas eles constituem uma das mais expressivas características da riqueza do cenário de marinha e da



faixa de colinas sublitorâneas de Salvador.

Como indicação inicial, deve-se buscar em grau máximo a reconstituição da mata de restinga, e para tanto a intervenção paisagística será conduzida segundo linhas conservacionistas. Visando este propósito, procurar-se-á que os plantios de embelezamento e integração observem o aproveitamento criterioso dos elementos significativos da flora local.

Para essa finalidade seria da maior conveniência que fosse aparelhado algum horto-viveiro municipal para o cumprimento da tarefa de coleta, seleção e multiplicação dos materiais vegetais indicados.

A vegetação natural dos topos, adensamentos e taludes, deve receber, desde logo, cuidados de preservação que impeçam seu corte ou remoção, sob qualquer pretexto.

Em relação às lagoas, que constituem a riqueza especial do setor do campo de dunas mais próximo da área de Itapuã - Lagoa do Abaeté e Lagoa de Iemanjá - pressupõe-se a necessidade de projetos especiais de revalorização da paisagem em natural e dos rústicos cenários regionais. Incluem-se nestes projetos particulares a idéia de eliminação de algumas incrustações consideradas inadequadas e a reelaboração de "cores" paisagísticos adequados com o alto nível de qualidade dos cenários destas lagoas intradunares, que na realidade foram os elementos físicos e cênicos mais importantes para conduzir à idéia de preservação global do Campo de Dunas de Itapuã.

Tais projetos ou subprojetos, dentro do plano do Parque Metropolitano de Abaeté deverão ser executados como peças sutis e de iniciação indispensável para a concretização da idéia do grande parque metropolitano.



Outro fato que parece essencial na planificação do Parque é o partido que se pretende dar à faixa de segurança oriental do campo de dunas regionais, isto é, a face voltada para o Atlântico.

Nesta área da faixa de segurança proposta, em que será estabelecido um controle quase total na paisagem regional, idealiza-se a fixação de um modelo alternante de subglebas, com matas de caju e coqueirais, destinadas para determinados usos considerados adequados e específicos para o parque..

Na realidade, o Parque Metropolitano de Abaeté deverá ser um parque de tipo ecológico, para utilizar-se uma nomenclatura que começa a ser estabelecida no quadro geral dos tipos de reservas da natureza no Brasil.

Este Parque Metropolitano, no fundo poderia ser chamado de Parque Ecológico, sem que houvesse nisso qualquer laivo de demagogia.

Assim sendo, certas subglebas bem situadas, da chamada faixa de segurança ora proposta, podem ser destinadas para associações específicas, ligadas à pesquisa botânica ecológica ou fisiográfica, fato que indiretamente equivalerá à arregimentação de instituições e pessoas a serviço do controle e fiscalização do Parque Metropolitano em implantação.

Por outro lado, tais subglebas em condomínio, que serão restritas em número, também devem ser contínuas e alternadas com outros tipos de espaços destinados parcialmente a habitações multifamiliares, de planificação adaptada às condições ecológicas e a usos comunitários específicos, pequenos parques infantis, áreas para atividades poliesportivas; este partido poderá trazer, para o apro-



veitamento da natureza de Salvador, tão privilegiada, um benefício social altamente desejado e democratizante.

Evidentemente, entre as alternativas para a utilização dos pequenos bolsões que restarão na área de contato entre a praia, terraço arenoso baixo e as primeiras dunas do nível intermediário, uma particular atenção deverá merecer a locação de escolas de diferentes níveis, incluindo os campos de esportes vinculados.

Existem condições certamente únicas para uma planificação desse tipo nesta faixa ligeiramente mais interna das praias regionais de Salvador, sem que tal ênfase implique num enfraquecimento das iniciativas particulares relacionadas com a área praiana propriamente dita.

No momento, não há qualquer conveniência em se propor modelos para esta faixa de praias mais diretamente de contato entre o mar e a terra e de acesso mais imediato; acredita-se que a busca de modelos para uma correta utilização do espaço disponível destas praias terá que ser a meta dos projetistas que venham a se vincular no processo de urbanização das praias regionais.

O que não se pode permitir é que os modelos sejam totalmente desconexos e desintegrados, redundando numa especulação anárquica em relação aos destinos da urbanização do corpo urbano metropolitano regional.

Não se pode aceitar a idéia de nódulos especulativos e de modelos de loteamentos capazes de privatizar a faixa de praia que, por princípio, deverá estar sempre aberta a todos os usuários.